A Economia do Nordeste e o COVID-19

Por Fernando Dias

Escrito para...

Resumo: a pandemia do Corona vírus representa um grande impacto sobre a economia nacional, com forte redução do PIB para este ano e trazendo de volta a recessão que foi superado há apenas dois anos. No Nordeste, onde estrutura sócio-econômica vem levando a que a Região se recupere de maneira mais lenta que o Centro-Sul, isto sugere que a ausência de um bom planejamento e de uma rede de suporte as atividades econômicas locais leve ao crescimento das desigualdades regionais.

Palavras-chave: COVID-19. Economia do Nordeste. Desigualdade. Crescimento.

A economia brasileira adentrou 2020 na expectativa de um desempenho um pouco melhor que o ano anterior, mantendo inflação baixa e um crescimento do produto apontando para uma alta um pouco maior, algo na casa do 2 a 3%, nada extraordinário mas alinhado com a muito lenta e gradual recuperação após a recessão de 2015/2016. Com um cenário político interno turbulento desde as eleições presidenciais, e um cenário externo sem grandes destaques que levassem a qualquer impulso para nossa economia, manter o crescimento gradual já parecia uma grande notícia. No entanto, em nosso país de dimensões continentais não é de esperar que o cenário seja homogêneo, e já fazia algum tempo que os indicadores apontavam que o Sul/Sudeste industrializado se recuperavam de forma mais dinâmica que Norte/Nordeste não tão industrializados. Em verdade, apenas os estados do Sul do Brasil lograram retornar o nível de atividade de antes da recessão.

E então começaram os rumores vindos da Ásia, um novo vírus estava fazendo vítimas na China e parecia sério pois em poucos meses os chineses isolaram completamente áreas com dezenas de milhões de habitantes. Mas isto não adiantou, e a pandemia do COVID-19 tomou o mundo de assalto, com efeitos nunca vistos desde a gripe espanhola no início do século XX. O COVID-19 logo revelou ter todas as características de um vírus apocalíptico, quase hollywoodiano. Ele é altamente contagioso, leva a elevada letalidade sobre determinados grupos e possui um grande contingente de assintomáticos levando o vírus por onde passam. Com quase 500 mil mortos em todo o mundo ao longo dos primeiros seis meses de 2020 a epidemia atingiu em cheio não apenas a saúde das famílias, mas também a economia dos países onde chegou.

Uma pandemia qualquer, de larga escala, já tem per si um efeito devastador sobre a atividade econômica já que as pessoas para não se contaminarem se abstém voluntariamente de terem contato umas com as outras, o que causa naturalmente um choque de demanda e reduz de forma significativa o consumo. Porém, no caso do COVID-19, há um fator adicional pois não se conhece ainda qualquer tratamento ou vacina que se mostre eficaz o suficiente para que se considere outra medida de saúde pública que não o isolamento social. Ao contrário do isolamento voluntário, o isolamento induzido pelas autoridade afeta a atividade produtiva, em outras palavras, ele faz com que ocorra ao mesmo tempo um choque de oferta e um choque demanda, e isto produz um impacto muito maior na atividade econômica.

No Brasil foi diferente? Não. Apesar de toda a polêmica em torno das ações tomadas no Brasil no que diz respeito a pandemia, os governos estaduais e municipais fizeram aqui basicamente o mesmo que se observou nos demais países afetados, e isto foi feito mais ou menos no mesmo período. Teve alcance reduzido? Não há evidência que o isolamento observado no

Brasil tenha sido significativamente diferente do observado no resto do mundo, e a ação da União ao prover suporte financeiro as famílias e as empresas foram e estão sendo cruciais para estas políticas. Apesar da falta de uma política nacional para lidar com a pandemia, e das controvérsias em função do discurso do Planalto, não deveremos observar no Brasil um efeito econômico muito diferente do observado no resto do mundo. De fato, as estimativas para a queda do PIB brasileiro este ano não estão diferentes do que vem sendo estimado para os países europeus ou para os Estados Unidos.

Em 2020 o PIB brasileiro deve cair algo entre 5% e 10%, de acordo com as previsões mais recentes. É muito, bem mais que em 2015 que foi nosso pior resultado até então. Ainda mais infelizmente, não será uma queda homogênea, o impacto será diferente do ponto de vista regional e não será surpresa se o impacto for maior no Nordeste que nas demais regiões do país. As razões para isto acontecer são as mesmas razões para a economia ter se recuperado da recessão 2015/2016 mais rápido nas regiões mais desenvolvidas, em linhas gerais a reação é maior onde as economias são mais dinâmicas e mais facilmente adaptáveis a novos cenários.

A economia do Nordeste é, por sua vez, ela própria bastante heterogênea, com uma faixa dinâmica geralmente localizada nas regiões metropolitanas da capitais e em enclaves no interior, e com o restante do espaço ocupado por milhares de municípios onde não raro a quase totalidade da renda é advinda de transferências dos estados e da União. Não por acaso o Nordeste, juntamente com o Norte, concentra das transferências do Bolsa Família e BPC, e muito mais da metade dos municípios da Região não tem qualquer receita própria significativa em seus orçamentos e dependem de transferências para manter seus pagamentos em dia.

Com isto em mente fica claro que o impacto inicial das estratégias de isolamento se concentra nos eixos dinâmicos da economia nordestina, visto que para os municípios que dependem de transferências não há, no curto prazo, efeito significativo já que o fluxo de renda de transferências permanece inalterado e o efeito dos desligamentos é compensado, ou mais que compensado, pelo auxílio emergencial provido pela União. Para estes municípios menores o impacto começará a ser sentido a medida que as transferências forem reduzidas em função da queda de arrecadação dos estados e da União, mas mesmo assim o impacto não será tão elevado (exceto para a administração pública) visto que as transferência do INSS, Bolsa Família, BPC e Auxílio Emergencial estariam mantidas.

Já no eixo dinâmico o impacto é imediato, pois mesmo que o auxílio emergencial mais a suspensão dos contratos de trabalho ou a redução da carga horária preservem o lado da demanda, do lado da oferta as empresas veem seus ativos sem gerar qualquer fluxo de receita. Sem receita, por sua vez, os impostos sobre faturamento, a parte do leão do sistema tributário nacional, caem abruptamente e com ele a receita dos entes federados. A alternativa para reduzir os impactos é lançar mão de alternativas para o modelo produtivo, como por exemplo o uso de ferramentas digitais, e não é surpresa que economias mais dinâmicas e mais abertas e inovação o fazem com mais facilidade e celeridade que economias de base mais conservadora.

Com efeito, os indicadores de acompanhamento da atividade econômica do IBGE são bastante claros e apontam tanto na indústria quanto no comércio e em serviços um desempenho no Nordeste significativamente abaixo da média nacional nos dados até abril. É um triste lembrete que ser a economia mais pobre e menos dinâmica não é confortável nos dias normais e é ainda pior nos dias de crise.

Pode ainda ser pior? Pode. As regiões Norte e Nordeste concentram já no final de junho/2020 cerca de 50% de todas as mortes de COVID-19 no Brasil. Além disso, as principais cidades do Nordeste também estão entre as que tem mais mortes por COVID. Por exemplo, considerando o cenário em 20/06/2020, 50% de todos os óbitos registrados no Brasil neste dia ocorreram em 21 municípios sendo 9 deles no Nordeste. Em termos acumulados, temos que nesta

mesma data 50% dos óbitos no Brasil ocorreram em 15 municípios, sendo 6 deles no Nordeste. Os números sugerem que epidemia de COVID vem sendo relativamente mais severa no Nordeste que no resto do país, e isto deve se refletir em mais tempo de convivência com a doença e que implica em menor ritmo de retomada da atividade econômica também por fator epidemiológico.

Temos então que a economia nordestina, que conjunturalmente já reage de forma menos dinâmica nas retomadas pós crises, terá um componente adicional que reduzirá ainda mais a recuperação econômica. Desta forma, torna-se crucial para o Nordeste, ainda mais que para o Brasil, que o processo de retomada seja planejado de forma maximizar as oportunidades e reduzir os gargalos que possam surgir ao longo do caminho. Provavelmente, desde a criação da SUDENE, que não se precisava tanto de planejamento econômico na Região.

Sobre o Autor:

Possui graduação em Economia pela Universidade Federal de Pernambuco (1995), mestrado em Economia pela Universidade Federal de Pernambuco (1999) e doutorado em Economia pela Universidade Federal de Pernambuco (2001). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal de Pernambuco. Tem experiência na área de Economia, com ênfase em Mercados Artificiais e Controle de Poluição, além de atuar na área de economia brasileira e economia regional.